

**EMPRÉSTIMO E ESTRANGEIRISMO:
CONFRONTOS E CONTRASTES**

Vito Manzóllilo (UERJ/USP)
cesarmanz@globo.com

Em primeiro lugar, é importante notar que, embora pareça fácil apontar, hoje, *home banking* e *coffee break* como exemplos claros de estrangeirismos, ninguém garante que daqui a alguns anos não estarão sumindo das bocas e mentes, como o *match* do futebol e o *rouge* da moça; assim como ninguém garante que não terão sido incorporados naturalmente à língua, como o garçom e o sutiã, o esporte e o clube.

(GARCEZ & ZILLES, 2004, p. 18.)

RESUMO

Entre os autores que se dedicam ao estudo do empréstimo linguístico, é bastante comum que uma diferenciação entre os termos empréstimo e estrangeirismo seja estabelecida. O primeiro seria reservado às palavras estrangeiras já acolhidas – efetivamente incorporadas – pelo idioma importador, ao passo que o segundo, ainda hoje frequentemente considerado pela tradição gramatical como vicioso, identificaria aquelas unidades léxicas usadas pelos falantes da língua de chegada, mas ainda não verdadeiramente integradas nesse novo ambiente. Na prática, em muitos casos, torna-se difícil estabelecer tal distinção, uma vez que dificuldades inerentes ao aportuguesamento de itens lexicais específicos podem postergar muito esse processo. Assim, examinar a proposta de estudiosos que já exploraram essa questão – Louis Guilbert, Ieda Maria Alves e Francisco da Silva Borba, entre outros –, é o que se pretende com esta exposição.

Palavras-chave: Empréstimo. Estrangeirismo. Confrontos. Contraste. Léxico.

Entre os autores que se dedicam ao estudo do empréstimo linguístico é bastante comum que uma diferenciação entre empréstimo e estrangeirismo seja estabelecida. O primeiro termo seria reservado às palavras estrangeiras já acolhidas pelo idioma importador, ao passo que o segundo identificaria aquelas unidades léxicas usadas pelos falantes da língua de chegada mas ainda não verdadeiramente integradas nesse novo ambiente.

Na prática, reconhecem alguns, nem sempre é fácil proceder a essa classificação (Cf. **Anexo 1**). Comentando o assunto, García Yebra

(1997, p. 340-1) opina que constitui tarefa complexa estabelecer a distinção entre empréstimo e estrangeirismo. Nesse sentido, ainda segundo o autor, já foram vários os critérios utilizados, nenhum muito eficaz: a condição filológica, a frequência de uso e a ortografia da palavra. Ele informa ainda que, na Alemanha, tentou-se aplicar o princípio filológico de considerar empréstimo a palavra estrangeira recebida antes de 1500; estrangeirismo seria aquela recebida depois dessa data, o que também acabou revelando-se inaceitável.

Rodrigues (1992, p. 106) considera como “verdadeiro estrangeirismo” aquele que não apresenta nenhum tipo de adaptação na língua de chegada, o que, na prática, é difícil de acontecer, pois algum tipo de adaptação fonética, até mesmo em função da dificuldade intrínseca dos falantes de reproduzir certos fonemas que não fazem parte de sua língua nativa, costuma ocorrer sempre. Quanto ao empréstimo, a autora o divide em parcial (só apresenta adaptação fonológica) ou total (adaptação completa)⁵⁴.

Em função dessa dificuldade, talvez o referido contraste devesse ser feito de outro modo. Antes de tudo, é preciso ressaltar que a expressão estrangeirismo carrega em si alta dose de preconceito⁵⁵. Como salientam Garcez e Zilles (2004, p. 17-19),

ao se qualificar um empréstimo como estrangeirismo, há uma suspeita sobre a legitimidade do elemento linguístico. (...) Em sua essência como objetos linguísticos, no entanto, não é razoável tratá-los como diferentes dos que vieram antes, já que todos são fruto do contato linguístico.

Pensando bem, tanto *bambu*, *bife*, *bonde*, *futebol*, *jaleco*, *piano*, *robô* e *sauna* quanto *download* (“Na computação gráfica existem dois tipos básicos de imagem plana: o mapa de bits e o vetorial. No primeiro

⁵⁴ Empréstimo total também pode ser aquele que designa a apropriação do signo como um todo (significante e significado).

⁵⁵ Apesar de já se encontrar aportuguesada em Ferreira (1999) e em Houaiss e Villar (2001) – *leiaute* –, no seguinte trecho de jornal, a unidade léxica inglesa é que foi empregada: “O café com sabor especial continuará o mesmo, mas a Mr. Coffee está em processo de reestruturação e, em breve, muita coisa deve mudar na rede: do *lay out* [sic] das lojas ao cardápio” – *O Globo*, Boa Chance, 11.07.1999, p. 16. O mesmo aconteceu com o substantivo *estresse*, igualmente já aportuguesado pelos dois autores. Na principal matéria de uma revista semanal, o item lexical inglês *stress* é o que invariavelmente aparece – em letras garrafais na capa –, apesar de os próprios jornalistas fazerem uso, ao longo do texto, das formas adaptadas *estressante*, *estressado* e *desestressar* (cf. *Veja*, 11.02.2004). Quanto à frequência de uso, segundo Neves (2003: *layout*, *leiaute* e *estresse*), a distribuição que se tem é a seguinte: *layout* (99%), *leiaute* (1%), *estresse* (63%) e *stress* (37%).

(...) são guardadas as informações relativas a cada ponto de uma figura, o que garante uma excelente qualidade, mas cria arquivos gigantescos, dificultando o armazenamento, o transporte e o download” – *Jornal do Brasil*, Internet, 12.07.2001, p. 2), *hacker* (“Não bastasse a loucura que a telefonia nos fez viver ontem, os hackers ainda aprontam das suas” – *Jornal do Brasil*, 06.07.1999, p. 6 / “‘Hackers’ contra Milosevic” (tít.) – *O Globo*, 06.07.1999, p. 28 / “No Congresso, uma lei contra hackers” (subtít.) – *O Globo*, 11.07.1999, p. 12), *ombudsman* (“Recebi ontem uma mensagem do ombudsman do ‘NYT’, o editor público Daniel Okrent, sobre o caso Rohter” – *Folha de São Paulo*, 16.05.2004, p. A6), *pizzaiolo* (“No alto do morro, o pizzaiolo cearense R., 29, arruma a mudança numa Kombi” – *Folha de São Paulo*, 30.05.2002, p. C6), *shiatsu* (“Shiatsu e acupuntura também são indicados [para torcicolo]” – *Istoé*, 25.02.2004, p. 47), *short* (“Outra coisa que as entendidas de futebol não conseguem digerir: por que o uniforme tem short tão comprido?” – *Extra*, TodaExtra, 16.11.2013, p. 10 / “A camisa branca vai com tudo e valorizou a estampa do short” – *Extra*, TodaExtra, 16.11.2013, p. 12), *skinhead* (“Pai de rapaz que perdeu braço agride skinhead” (tít.) – *Folha de São Paulo*, 16.01.2004, p. C3) e *sushi* (“No cardápio, combinados como o grandalhão Sushi Tanaka (...), com 70 peças de sashimis e sushis” – *Jornal do Brasil*, Programa, 20 a 26.02.2004, p. 48), relativamente ao português, cumprem a mesma função e desempenham idêntico papel, isto é, oferecem aos falantes dessa língua a possibilidade de expressão de novas realidades. Além disso, todos esses itens lexicais, inclusive os do segundo grupo, encontram-se listados em Houaiss e Villar (2001), dicionário *monolíngue* referente à língua portuguesa, o que certamente demonstra que, de uma forma ou de outra, tais palavras já fazem parte do vocabulário do português.

Por isso, procedimento mais coerente a ser adotado seria o de considerar a existência de duas categorias de empréstimo, os adaptados e os não adaptados, evitando, por sua vaguidão⁵⁶ e pejoratividade, o emprego do termo estrangeirismo.

Na verdade, Mauro (2000, p. 69) já fala em *exotismos* ou *empréstimos não adaptados*, aqueles “pouco ou nada adaptados à fonologia e à gramática da língua de chegada”. Lembra ainda que estes são “chamados

⁵⁶ Lázaro Carreter (1974, *extranjerismo*), por exemplo, define o termo simplesmente como “qualquer palavra de procedência estrangeira”.

igualmente, às vezes não sem uma ponta de desprezo, *estrangeirismos crus*”. Por outro lado, para o autor (2000, p. 70), existem também os *exotismos* ou *empréstimos adaptados*, isto é, “as palavras entradas no português, muitas vezes em fase muito recuada, já na Idade Média, provenientes de outras línguas”.

Para aqueles que insistem em separar as duas noções dessa forma mais conhecida, com frequência, a decisão acerca do *status* de que desfruta um item lexical alógeno na língua que o recebe, se empréstimo ou estrangeirismo, é um tanto subjetiva.

Guilbert (1975, p. 96-98) apresenta alguns critérios, segundo ele, capazes de demonstrar a instalação de unidades lexicais alienígenas num sistema linguístico. Os principais situam-se nos níveis morfossintático e semântico, uma vez que, mesmo palavras já incorporadas podem, em algumas circunstâncias, ser proferidas de acordo com a pronúncia do idioma de origem.

Basear-se simplesmente na ortografia também não é muito seguro. Muitos itens léxicos que já aparecem nativizados nos dicionários da língua de chegada são escritos, vez por outra, de acordo com a grafia da língua de onde provêm, seja em função de fatores estilísticos, seja por causa de desconhecimento puro e simples da parte de quem os emprega⁵⁷.

No que respeita à morfossintaxe, boa evidência de integração encontra-se nos casos em que a palavra estrangeira funciona como matéria-prima para novas formações vocabulares, realizadas por meio de processos vernáculos como a derivação, a composição e a palavra-valise. Isso pode ocorrer ainda que a adaptação ortográfica não tenha se dado (cf. *bluesista, funkeiro* – “O funkeiro [Mister Catra] está todo bobo com seu primeiro neto, o pequeno João Miguel, de apenas sete dias” – *Extra*, 18.11.2013, p. 6 / “Funkeiros acusam PM de extorsão” (tít.) – *Extra*,

⁵⁷ Apesar de já se encontrar aportuguesada em Ferreira (1999) e em Houaiss e Villar (2001) – *leiaute* –, no seguinte trecho de jornal, a unidade léxica inglesa é que foi empregada: “O café com sabor especial continuará o mesmo, mas a Mr. Coffee está em processo de reestruturação e, em breve, muita coisa deve mudar na rede: do *lay out* [sic] das lojas ao cardápio” – *O Globo*, Boa Chance, 11.07.1999, p. 16. O mesmo aconteceu com o substantivo *estresse*, igualmente já aportuguesado pelos dois autores. Na principal matéria de uma revista semanal, o item lexical inglês *stress* é o que invariavelmente aparece – em letras garrafais na capa –, apesar de os próprios jornalistas fazerem uso, ao longo do texto, das formas adaptadas *estressante, estressado* e *desestressar* (cf. *Veja*, 11.02.2004). Quanto à frequência de uso, segundo Neves (2003: *layout, leiaute* e *estresse*), a distribuição que se tem é a seguinte: *layout* (99%), *leiaute* (1%), *estresse* (63%) e *stress* (37%).

18.11.2013, p. 2, *jazzista*, *jazzístico* – “A voz [da cantora Leila Maria], de sotaque jazzístico, a serviço de um repertório pra lá de eclético, já era conhecida e apreciada por nomes de destaque da MPB, como Ed Motta, que a chamou para gravar no disco *Dwitza*” – *Veja*, *Veja* Rio, 03.03.2004, p. 51, *jazzófilo*, *pré-show*, *pós-show*, *showminário* (designação de evento realizado durante uma feira de livros, ocorrida no Rio de Janeiro em outubro de 2013), *showmício*, *showzaço* – “As campeãs Ivete e Anitta e os craques Thiaguinho, Marcelo D2 e Naldo comandam a festa de lançamento da camisa da seleção para a Copa, com *showzaços* gratuitos, na Praia do Flamengo, no domingo” – *Extra*, 22.11.2013, p. 1, *cracudo* (viciado em *crack*), *cracolândia* – “Antes cenário de uma das maiores cracolândias do Rio, espaço em Manguinhos vira local para se colher um novo futuro” – *O Globo*, Zona Norte, 23.11.2013, p. 6, *lobista* – “O problema é que no Brasil os lobistas tentam influenciar com todo tipo de argumento: honesta defesa de pontos de vista, compra de voto ou promessa de ajuda para campanhas” – *O Globo*, 22.02.2004, p. 2, *marqueteiro* – “Jorge Bittar e seu marqueteiro Nizan Guanaes trocaram um dedinho de prosa sobre a eleição no Rio em pleno camarote da Brahma” – *O Globo*, 24.02.2004, p. 10 / “Batizado com nome de imperador – Alexandre Magno Abrão –, esse tardo-adolescente de 33 anos tem astúcia para deixar boquiaberto o mais esperto marqueteiro” – *Época*, 16.02.2004, p. 93, *shortinho* – “Um shortinho mais curto, estilo o da seleção dos anos 80 cairia bem!” – *Extra*, TodaExtra, 16.11.2013, p. 10, *short-saia* – “A Miss São Gonçalo, Debora dos Santos Duarte, mostra que o short-saia veio para ficar – *Extra*, 23.11.2003, p. 1, *dogão* (cachorro-quente incrementado, maior do que o tradicional) e *roqueiro* – “Então, saem os indies e os roqueiros e entram em cena os clubbers” – *Jornal do Brasil*, Programa, 20 a 26.02.2004, p. 42) (**Vide Anexo 2**).

Do ponto de vista semântico, sinal de incorporação ao novo ambiente pode ser sentido quando o item léxico estrangeiro perde o caráter monossêmico e referencial do primeiro momento e adquire novas possibilidades de emprego. Assim, *pizza*, inicialmente apenas uma iguaria da culinária italiana, atualmente, já surge também como sinônimo de *impunidade* – “Percebi que, sem querer, as investigações [da CPI dos Precatórios] tinham batido no coração do crime organizado no país e que a CPI poderia acabar em pizza” – *Folha de São Paulo*, 11.06.2003, p. B5). Além desse, outro sentido novo para a unidade lexical faz referência à mancha de suor que surge embaixo do braço e marca a roupa de alguém. Do mesmo modo, *show* expandiu seu sentido original (*espetáculo*, *apresentação artística*) e hoje é utilizado igualmente como sinônimo de *es-*

cândalo, por exemplo, na frase, *ela deu o maior show diante de todos*. Apresentam largo uso também as expressões *dar um show* (*exibir um desempenho memorável* – “Turistas e cariocas dão um show de harmonia” (tít.) – *O Globo*, 22.02.2004, p. 31 / “Gisele [Bündchen] dá show na Sapucaí” (tít.) – *O Globo*, Carnaval 2004, 24.02.2004, p. 2 / “Tarcísio Meira deu um show” – *O Globo*, Revista da TV, 22.02.2004, p. 2), *show à parte* (“O terceiro e o quarto carros da escola foram um show à parte, arrancando aplausos do cada vez mais passivo público da Sapucaí” – *O Globo*, Carnaval 2004, 24.02.2004, p. 10) e *show de bola* (assim como a anterior, *fato ou acontecimento empolgante* – “Nessa noite o Grupo de Acesso, que reúne as escolas mais modestas da cidade, costuma se apresentar para uma Marquês de Sapucaí quase vazia; só que desta vez as arquibancadas estavam lotadas e o desfile foi um show de bola” – *Folha de São Paulo*, 23.02.2004, p. C1). *Apartheid*, antes dizendo respeito apenas à política de segregação racial sul-africana, agora é utilizado igualmente para indicar outros tipos de discriminação, como em “Apartheid social”, título de matéria publicada numa revista semanal acerca da desigualdade brasileira no campo da educação (cf. *Istoé*, 19.11.2003, p. 40). *Script*, num primeiro instante, sinônimo de *roteiro*, termo ligado à área dos espetáculos, já se faz presente igualmente em outros contextos, como os seguintes: “Os que têm motivação e disciplina suficientes para ir em frente devem-nas invariavelmente ao mais importante fator extracampo do futebol nacional: a mãe. Sônia Nazário de Lima cumpriu à risca o script” – *Veja*, 10.12.2003, p. 128 / “Se tudo correr como está no script, acabou aquele assédio dos ministros buscando suas próprias bases partidárias, em pleno Congresso, para conseguir aprovação das propostas do governo” – *Jornal do Brasil*, 17.07.1999, p. 6. *Strike*, para alguns, também já não é mais um termo do boliche somente: “Um assessor de Cesar Maia chamou de *strike*, jogada em que todos os pinos do boliche são derrubados, o efeito do caso Waldomiro na eleição no Rio” – *O Globo*, 23.02.2004, p. 10. Inicialmente, dizendo respeito a outro esporte (boxe, no caso), a expressão *round* já pode ser encontradas em frases como esta: “Primeiro round é de Cristiano Ronaldo” (tít.) – *Extra*, Jogo Extra, 16.11.2013, p. 6, manchete de jornal alusiva a um confronto futebolístico entre as seleções de Suécia e Portugal. *Fast food*, além de designar a refeição servida em lanchonetes, aparece ainda em frases como a seguinte: “Uma sexta-feira muito louca, a refilmagem, não tem pretensões maiores do que essa, apenas diversão *fast-food*” – *Jornal do Brasil*, Programa, 20 a 26.02.2004, p. 11. *Best-seller* não é mais usado apenas com valor substantival. No exemplo a seguir, funciona como adjetivo: “Martin Selig-

man, ex-presidente da Associação Americana de Psicologia, tornou-se um autor best-seller” – *Veja*, 10.03.2004, p. 11.

Alves (2007, p. 79) é da opinião de que

o emprego frequente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português. *Jeans*, unidade lexical tão usada contemporaneamente, parece-nos já adaptada à língua portuguesa e manifesta-se, por isso, como um empréstimo ao nosso idioma.

Na visão de Borba (2003, p. 121),

pode-se dizer que o empréstimo se aclimatou em três situações: (i) quando veste a roupagem gráfica da língua receptora, (ii) quando entra em derivados ou compostos e (iii) quando amplia seu alcance semântico. No primeiro caso, pode haver um período de oscilação, até que a forma gráfica nacional suplante a outra. Ninguém mais escreve *abat-jour* (fr) ou *football* (ing), mas *abajur* e *futebol*, mas há oscilação entre *vitrine* / *vitrina*, *cabine/a*, *champanhe/a*. Por outro lado, há formas que resistem: *baton* (fr), *bacon* (ing). Isso acontece principalmente quando há, na palavra, algum som estranho aos hábitos fonéticos da língua de chegada. É por isso que *pizza* resiste até hoje: a africada [tz ou ts é estranha ao português] diferentemente de *spaghetti* > *espagete*. Quando se trata de transliteração, é comum a oscilação gráfica por algum tempo (Cf peretróica [*sic*] e perestróica (russo) ou kamicase e camicase (jap)) (os colchetes pertencem ao original).

Elia (2003, p. 80), apresentando uma visão peculiar do termo, estabelece uma distinção entre palavra estrangeira e estrangeirismo, segundo ele, “a palavra estrangeira que procura acomodar-se ao gênio da língua para onde emigrou (na pronúncia, na feição gramatical)”. Como exemplo em português, cita *basquete* (do inglês *Basket*)⁵⁸. Com ele concorda Cunha (2003, p. 5), o qual, em seu estudo sobre os estrangeirismos da língua portuguesa, define estrangeirismo como “aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (...) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada”. O autor (2003, p. 5) menciona, “entre milhares de outros”, exemplos das mais variadas procedências: *gazetilha* (castelhano), *corbelha* (francês), *maestro* (italiano), *futebol* (inglês), *tatu* (tupi), *quilombo*, (quimbundo) *alfaiate* (árabe), *catre* (tamul), *chá* (chinês) e *bonzo* (japonês).

⁵⁸ No entanto, em (1962: *estrangeirismo*), Elia define *estrangeirismo* como a “palavra, locução ou construção recebidas de língua estrangeira e ainda não integradas na língua nacional.” No mesmo trecho, o autor informa ainda que “há quem inclua [nos estrangeirismos] os *lusismos* (Portugal), para indicar o uso de palavras em sentido diverso do que é empregado no Brasil.”

Finalizando, mencione-se ainda que Xatara (2001, p. 152) faz referência aos chamados *estrangeirismos puros* (por exemplo, segundo a autora, *savoir-vivre* e *vernissage*), isto é, aquelas palavras estrangeiras que não apresentam nenhuma adaptação, quer quanto à forma, quer quanto à significação, relativamente à língua de chegada.

ANEXOS

Anexo 1:

Para Jota (1981: *estrangeirismo*), estrangeirismo é a “palavra ou expressão de cunho estrangeiro usada mas ainda não integrada noutra língua. O empréstimo difere do estrangeirismo pelo fato de ser integrado na língua, como *piquenique*, *futebol* etc. *Menu* e *ballet*, para os quais temos *cardápio* e *bailado*, são estrangeirismos, inclusive pelo se vestirem ainda à moda francesa. Esse caráter, afinal, é muito sutil. *Ballet*, de tal maneira vem-se impondo, que não raro aparece com roupagem vernácula (balé); e outros há que, embora insubstituíveis, não se prestam a adaptações (*habitat*, *superavit* etc.). Em sentido contrário, vocábulos há que, embora de aparência vernácula, não passam de estrangeirismos vitandos, como *bambino*.” Carvalho (2009: 56), recorrendo a uma dicotomia saussuriana, propõe que, “enquanto o estrangeirismo faz parte da *parole* – uso individual –, o empréstimo passa a ser um elemento da *langue*, já socializado”. Alves (2007: 72) expõe que “numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. Bergström e Neves (1999: 78) consideram empréstimo a “adopção de uma nova palavra, frase ou expressão de uma língua estrangeira. Nesta acepção, *empréstimo* e *estrangeirismo* podem ser coincidentes. No entanto, contrariamente ao estrangeirismo, o empréstimo está perfeitamente integrado no léxico da língua que o acolhe”. Lázaro Carreter (1974: *préstamo*) explica que “[o empréstimo] está com o *estrangeirismo* na relação de espécie e gênero: o empréstimo é um estrangeirismo incorporado ao sistema.” Finalmente, García Yebra (1985: 24) diz que “às vezes, se faz distinção entre ‘empréstimo’ e ‘estrangeirismo’. Considera-se estrangeirismo a palavra aceita tal como é na língua de onde provém, sem adaptação de nenhuma espécie. O empréstimo, segundo esta distinção, seria o estrangeirismo naturalizado, adaptado ao sistema linguístico que o aceita.” Ao contrário dos anteriores, Garcez e Zilles (2004: 15) encaram os dois termos como sinônimos: “Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo.”

Anexo 2:

Na imprensa escrita, é possível encontrar várias ocorrências de palavras criadas em português a partir de itens lexicais estrangeiros que ainda não foram graficamente adaptados: “Evento que acontece amanhã e domingo nos jardins do MAM, Arte Core vai reunir alguns dos melhores grafiteiros da cidade ao som de DJs e manobras de skatistas” (subtít.) – *O Globo*, 04.10.2013, p. 15 / “Sem demonstrar preocupação alguma com o espaço público, os skatistas destruíam bancos, corrimãos e canteiros durante a realização de suas manobras” – *Veja*, 11.02.2004, p. 98 / “E lá [na praia] a integração é garantida para todas as tribos: surfistas, pescadores, skatistas e, claro, também para quem vai apenas pegar uma corzinha ou dar um passeio” – *Jornal do Brasil*, Programa, 13 a 19.02.2004, p. 30 / “Com som forte e mensagens persuasivas, a banda Charlie Brown Jr. sai do gueto skatista e conquista fãs de todas as tribos” – *Época*, 16.02.2004, p. 7, “Na abertura da Festa do Peão de Botadeiro de Barretos, alguns craques irão disputar a primeira partida de futcountry da história” – *Jornal do Brasil*, Caderno B, 14.07.1999, p. 6, “O clube espanhol [Real Madrid] passou os últimos anos aquecendo seu departamento comercial e hoje é o símbolo máximo do ‘futbusiness’ – o futebol que faz dinheiro” – *Veja*, 10.12.2003, p. 130, “Marcelinho [Carioca] teria pedido dispensa do treino de antontem para receber sua mãe, que está doente, em São Paulo, mas no mesmo dia esteve no programa *Jô Onze e Meia*, no SBT, para divulgar seu grupo de pagode-gospel Divina Inspiração” – *Jornal do Brasil*, 16.07.1999, p. 24, “A direção da emissora [Rede Globo] está investindo na linha do *edutainment* – uma bem-dosada mistura de conteúdo educativo e entretenimento em suas atrações para o público infanto-juvenil” – *O Globo*, Revista da TV, 25.04.1999, p. 2, “Para aumentar o drama da família, outro irmão, Eliomar Ferreira, foi assaltado numa falsa blitz na estrada após sair em socorro de Carlos Eliezer” – *O Globo*, 21.05.2004, p. 37, “Secretário-geral da CNBB aprova showmissas” (tít.) – *O Globo*, 07.11.1999, p. 13, “Justiça condena 7 por fogo em casa de shows” (tít.) – *Folha de São Paulo*, 14.04.2004, p. C5, “Uma reportagem especial de VEJA on-line ensina como abrir uma página pessoal na internet e dá todas as dicas sobre o mundo dos blogueiros” – *Veja*, 05.06.2002, p. 29, “O cenário do ‘Domingão do Faustão’ abrigará um *jinglekê* onde a atriz Lucinha Lins, a cantora Daniela Mercury e José Valien Royo, o baixinho da Kaiser, cantarão os jingles que caíram no gosto popular” – *O Globo*, Revista da TV, 03.09.2000, p. 10, “[A Infraero] lançará, até o fim do ano, uma rede de shopping centers para atender a uma das principais queixas dos usuários: a falta de opções de comércio e lazer nos terminais. Batizados de aeroshoppings, funcionarão 24 horas, nos maiores aeroportos do país” – *Época*, 26.03.2001, p. 90, “Apareceu um novo personagem nas Varas de Família: o web-adúltero” – *O Globo*, Segundo Caderno, 22.02.2004, p. 3, “Entre o Enrique [Iglesias] pseudocaliente e o refrigerante gelado, a segunda opção dá mais água na boca, vai?” – *Época*, 26.01.2004, p. 90 e “Aqui o papel do merchandete é fundamental. Uma espécie de camelô eletrônico, ele apresenta o produto ao vivo e demonstra, no espaço de um a dois minutos, como utilizá-lo” – *Istoé*, 17.09.2003, p. 78. Exemplos interessantes da situação são os casos de *cachacier* (*cachaça* + *sommelier*) e *pitboy* (*pit bull* + *boy*, mas é preciso dizer que também foram encontradas as formas *pit boy* e *pit-boy*), criados pelo processo conhecido como palavra-valise. O programa *Olhar 2003*, exibido pela Rede Brasil e apresentado pela jornalista Lúcia Leme, levou ao ar, no dia 29.03.2003, uma entrevista com a *cachacier* Marion Vieira, que ali estava pa-

ra falar aos telespectadores acerca das especificidades de sua atividade profissional, cuja denominação foi inspirada na unidade léxica francesa *sommelier* – “(...) o Bistrot Province (...) conta com uma adega organizada com competência pelo sommelier João de Souza (...)” – *Veja*, *Veja Rio*, 03.03.2004, p. 22, de largo emprego no Brasil na área da gastronomia. Por analogia com *pit bull*, unidade léxica inglesa designativa de feroz raça canina, criou-se a expressão *pit boy*: “Claudionor salva Uálber dos ‘pit boys’” (tít.) – *O Globo*, Revista da TV, 13.07.1999, p. 6 / “Os pit-boys atacam na noite carioca” (tít.) – *O Globo*, Segundo Caderno, 26.03.1999, p. 4 / “Pancadaria de ‘pitboys’ em duas boates da Zona Sul” (tít.) – *O Dia*, 20.03.2004, p. 1. De alguma forma relacionado com *pit boy*, o item lexical *pit boss* também foi encontrado: “Não é longo o caminho entre um pitboy e um pitboss... Em ambos faltam os valores éticos, expressos sinteticamente na regra de ouro do cristianismo: tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei vós a eles” – *O Globo*, *Boa Chance*, 11.02.2004, p. 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BERGSTRÖM, Magnus; REIS, Neves. *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*. 37. ed. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 8. ed. atual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

ELIA, Sílvio. *Dicionário gramatical*. 3. ed. Rio de Janeiro / Porto Alegre / São Paulo: Globo, 1962.

———. *Estrangeirismos* – 1. In: BECHARA, Evanildo *et al.* (Org.). *Na*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ponta da língua 5. Rio de Janeiro: Lucerna / Liceu Literário Português, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCEZ, Pedro M; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004, p. 15-36.

GARCÍA YEBRA, Valentín. El neologismo. In: *Tradução & Comunicação* – Revista Brasileira de Tradutores, n. 7. São Paulo: Álamo, 12.1985.

———. *Teoría y práctica de la traducción*. 3. ed. rev. Madrid: Gredos, 1997, 2 v.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larrouse Université, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

LÁZARO CARRETER, Fernando. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1974.

MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva*. 12. ed. aum. e refund. Rio de Janeiro / São Paulo / Belo Horizonte: Francisco Alves, 1931.

MAURO, Tullio de. *Linguística elementar*. Trad. Isabel Teresa Santos. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

RODRIGUES, Claudia Maria Xatara. Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas. *Revista Alfa* 36. São Paulo, 1992, p. 99-109.

XATARA, Claudia Maria. Estrangeirismos sem fronteiras. In: *ALFA – Revista de Linguística*, 45. São Paulo: UNESP, 2001, p. 149-54.